CLÁUDIA VAZ PUPO DE MELLO

REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM CORPORAL E EXPERIÊNCIAS CORPORAIS: UM ESTUDO PRELIMINAR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM CORPORAL E EXPERIÊNCIAS CORPORAIS: UM ESTUDO PRELIMINAR

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Atividade Motora Adaptada, sob orientação da Profa. Dra. Maria da consolação G.C.F. Tavares

CAMPINAS
2003

TCC/UNICAMP
M489r
1290001513

AGRADECIMENTOS

a Prof. Dra. Maria da Consolação G. C. F. Tavares, por ter me ajudado e orientado nesse desafio; Professora, seus "empurrõezinhos" foram fundamentais.

aos professores da Especialização em Atividade Motora Adaptada da Faculdade de Educação Física da Unicamp pela contribuição e oportunidade de ampliar meus horizontes na vida acadêmica e profissional.

aos colegas de curso que, cada um a sua maneira divertiram muito minhas sextas-feiras.

aos amigos que fiz aqui por todos os momentos que curtimos juntos: Sil, Vi, Paula, Tchê, Gu, Cintia, Rodrigo e Clau.

aos meninos da informática pela disponibilidade em me ajudar sempre.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo verificar se os alunos do curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada da Faculdade de educação física da Unicamp, envolvidos no estudo e/ou na prática da atividade motora, identificam em suas ações um caminho para o desenvolvimento da Imagem corporal de seus alunos. Justificamos nosso interesse, pele necessidade que se criou em aprofundar nosso conhecimento sobre a relação entre imagem corporal e experiência corporal a partir de observações da prática profissional. Para tanto, utilizamos como recurso metodológico um questionário direcionado aos alunos de Especialização .Nossa população foi delimitada partindo do pressuposto que eram profissionais envolvidos com atividade motora, consideramos também a proximidade desse grupo com o entrevistador, o que facilitou a aplicação do questionário. Os resultados encontrados apontam que os profissionais pesquisados identificam em sua prática ações que desenvolvem a imagem corporal. No entanto, na visão do grupo essa relação ocorre mais em nível da percepção física do próprio corpo. Constatamos também que o conhecimento dessas pessoas a respeito do assunto, é um conhecimento empírico baseado na experiência individual. Consideramos que um aprofundamento sobre esse tema proporcionaria aos profissionais da área um outro olhar sobre o corpo humano, reconhecendo-o na complexidade do Ser em sua existência humana. Desta forma seria possível uma outra concepção do movimento enquanto instrumento do trabalho corporal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....4

2. QUADRO TEÓRICO.....7

2.1. Imagens.....7

2.2. Considerações Sobre Imagem Corporal.....11

2.3. Considerações Sobre Movimento,.....21
desenvolvimento Psicomotor e Imagem Corporal.

3. METODOLOGIA.....26

3.1. Caracterização da Pesquisa.....26

3.2. Universo Pesquisado:.....27
caracterização da amostra

3.3. Instrumentação e Coleta de Dados.....28

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....30

5. DISCUSSÃO.....34

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....39

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....40

ANEXOS.....43

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre imagem corporal chega aos dias de hoje apontando para uma pluralidade de conceitos e definições.

Podemos encontrar pesquisas sobre imagem corporal sendo realizadas nas mais diversas áreas do conhecimento e com os mais variados enfoques. Áreas como a neurologia, a psiquiatria, psicologia, fisioterapia, educação física, sociologia e outras têm se dedicado ao estudo desse tema. Este fato sugere o quanto esse assunto mergulha na complexidade do ser humano, ajudando a preencher as lacunas que existem na relação entre os aspectos fisiológicos, afetivos, emocionais e cognitivos, exigindo sempre um olhar multidimensional.

As pesquisas sobre imagem corporal iniciaram-se no século XIX e ganharam espaço entre os neurologistas da época. Tais pesquisas se empenhavam em investigar os distúrbios da percepção corporal, observados nos pacientes com lesões neurológicas. Nesse momento inicial o foco das pesquisas estava na fisiologia, ainda não havia adquirido a dimensão que veio a assumir mais tarde.

Henry Head, neurologista inglês, marcou a história das pesquisas em imagem corporal (1911), criando o termo "esquema corporal". Segundo Fischer (1990), o esquema corporal de Head refere-se a um modelo postural ou uma figura de si mesmo, que cada indivíduo constrói e que constitui um padrão, em confronto com o qual as posturas e movimentos corporais são avaliados.

Um salto foi dado sobre a teoria de Head. Na década de 30, Paul Schilder, em seu livro "A imagem do corpo", deu ao tema imagem corporal toda

essa dimensão que veio a assumir mais tarde e que até hoje se mantém atualizada. Incorporou às questões fisiológicas os aspectos afetivos e sociais, trazendo os elementos da psicanálise. Schilder, além de psiquiatra, tinha formação em Filosofia e Psicanálise.

O que levou à realização deste trabalho foi justamente a necessidade de compreender melhor o ser humano em sua multidimensionalidade. Partindo de nossas observações na prática profissional, percebemos que as respostas dos nossos pacientes aos exercícios propostos nas sessões de fisioterapia, eram muito subjetivas e havia uma relação profunda entre movimento e os aspectos emocionais e afetivos. Dependendo do tipo de movimento e da maneira como o exercício era proposto, despertava lembranças e sentimentos que por sua vez acabavam por interferir na realização do mesmo.

Buscamos então, compreender melhor essa relação, através do estudo da imagem corporal, por pensar que nela estão contidos elementos que aproximam esses aspectos presentes na unidade humana em sua existência. Não é fácil encontrar um caminho que nos conduza à reflexão sobre o homem em sua relação com o mundo e consigo mesmo, partindo de um referencial tão sutil e ao mesmo tempo tão intenso – a experiência humana. A imagem corporal nos parece ser um desses caminhos.

O presente trabalho tem como objetivo verificar se os alunos do Curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, envolvidos no estudo e/ou na prática da atividade motora, identificam em suas ações um caminho para o desenvolvimento da imagem corporal de seus alunos.

Montamos um quadro teórico composto por três itens que permitem contextualizar a pesquisa de campo que se segue. No quadro teórico falamos sobre imagens e como se formam na mente humana; considerações sobre imagem corporal, trazendo alguns conceitos e um breve histórico e, finalmente, tecemos algumas considerações sobre as relações entre o movimento, o desenvolvimento psicomotor e imagem corporal.

Ao propor uma pesquisa de campo que buscasse verificar como essas relações têm ocorrido na prática, podemos perceber também o nível de conhecimento do grupo pesquisado a respeito desse assunto.

Pretendemos com esse estudo abrir caminhos para que a discussão sobre imagem corporal possa estar presente no dia a dia dos profissionais que utilizam o movimento como instrumento do trabalho corporal.

2. QUADRO TEÓRICO

2.1. Imagens

A concepção que predomina no senso comum relaciona a imagem apenas com a questão visual. No entanto, os estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre imagem mental não se referem apenas à imagem visual, pois apontam para uma gama de outros fatores a serem considerados na construção de uma imagem.

Segundo Damásio (2000, p. 402), as *imagens* ou *padrões mentais* são construídos com informações vindas de cada uma das modalidades sensoriais: visuais, sonoras, olfativas, gustativas e sômato-sensitivas; utilizamos informações vindas de todos os órgãos dos sentidos, inclusive formas de percepção como o tato, dor, temperatura, informações viscerais, musculares e vestibulares que derivam da modalidade sômato-sensitiva.

Ainda sob a concepção de Damásio, cada uma dessas áreas sensitivas primárias do córtex cerebral (visual, auditiva, somestésica, vestibular, olfatória e gustativa) constitui um conjunto de pequenas sub-áreas que se relacionam entre si e com outras áreas afins. Atuando de maneira sincronizada, essas áreas formam representações topograficamente organizadas, que são a base das imagens mentais. Quando, por exemplo, vemos um objeto, sinais emitidos pelos receptores da visão, localizados na retina, são transportados pelos neurônios ao longo de seus axônios que, através das sinapses, se conectam a outros neurônios e, assim por diante, até chegarem aos córtices visuais primários localizados na parte posterior do cérebro, no lobo occipital. É desta forma que todas as informações somato-sensitivas chegam ao cérebro e é da

ação coordenada dessas várias áreas (os padrões neurais)[1] que formamos as imagens do que vemos, sentimos etc.

A construção das imagens ocorre sempre que um objeto é mobilizado, tanto de fora do cérebro para o seu interior quanto o inverso, quando reconstruímos objetos a partir de nossa memória. O termo objeto, segundo Damásio (2000, p. 409), é empregado em um sentido amplo e abstrato – uma pessoa, um lugar e um instrumento são objetos, mas são objetos também uma dor específica ou uma emoção.

A partir disso, cabe dizer que há duas categorias de imagens citadas por Damásio (1996), as chamadas por ele de "imagens perceptivas" que são as imagens que se formam a partir de informações sensoriais vindas tanto do meio interno quanto do externo, (com participação também da memória do passado) e as "imagens evocadas", que se formam quando recordamos algo, fazemos planos para o futuro ou simplesmente fantasiamos uma situação.

Se as imagens são construídas tendo como base as percepções e as lembranças, podemos entender que toda a experiência vivida pelo sujeito, assim como seu repertório afetivo e estado emocional no momento, estarão presentes na formação de suas imagens, sejam elas perceptivas ou evocadas.

Nesse momento cabe considerar a relevância da subjetividade colocada por Damásio como sendo a chave da consciência. É por isso que as imagens de um indivíduo pertencem somente a ele e são únicas em seu repertório. Cada vez que lembrar de algo essa imagem será reconstruída contendo elementos próprios e não será a mesma de quando experienciada pela

---

[1] Damásio distingue os termos *padrão mental* e *padrão neural*. O termo *padrão mental* é utilizado como sinônimo de *imagem*. O termo *padrão neural* é utilizado para se referir aos aspectos neurais do processo de construção de imagens, ou seja, aos padrões de

primeira vez. Em primeiro lugar porque "isto depende das circunstâncias em que as imagens foram assimiladas e das circunstâncias nas quais estão sendo lembradas" e, depois, "quando vamos reconstruir uma imagem, dificilmente conseguimos trazer de uma vez todos os elementos que estavam presentes na imagem perceptiva: cor, claridade, temperatura, cheiro, som e outros. Esses elementos não existem todos armazenados em nosso cérebro em um único lugar." (TURTELLI, 2003, p.31).

As imagens por nós criadas não apenas têm como base nossas referências individuais, como também faz parte de sua construção o significado que essa imagem tem para nós: de que maneira e em que ponto essa imagem toca nossa memória, nossa emoção e cognição. Não podemos esquecer que estes últimos fatores citados estão em constante mudança, pela experiência vivida e pelas circunstâncias presentes, o que acaba por dar à imagem um aspecto de fluidez, ou seja, está em constante mudança. A importância da interação entre o objeto e o corpo na construção da imagem é algo que merece ser destacado:

> [...] (As) imagens que cada um de nós vê em sua mente não são cópias do objeto específico, mas imagens das interações entre cada um de nós e um objeto que mobilizou nosso organismo, construídas na forma de padrão neural, segundo a estrutura do organismo. [...] (A) estrutura e as propriedades da imagem que vemos são construções do cérebro inspiradas por um objeto. (DAMÁSIO, 2000, p. 406).

---

atividades neurais encontrados nos córtices sensoriais, ativados por uma unidade de

As imagens ainda podem ser conscientes ou inconscientes, já que nem todas as imagens construídas pelo cérebro se tornam conscientes. Há muitas imagens sendo construídas e um pequeno espaço para que se tornem conscientes, ou seja, acompanhadas da percepção de que as estamos apreendendo e atentando devidamente para elas. As imagens inconscientes nunca são acessíveis diretamente.

De acordo com Damásio (2000, p. 418), existe um espaço de imagem, que é aquele no qual imagens de todos os tipos sensoriais ocorrem explicitamente (conscientemente); algumas dessas imagens constituem os conteúdos mentais manifestos que a consciência nos permite experimentar, enquanto algumas imagens permanecem inconscientes. E existe o espaço dispositivo, que é aquele que contém as disposições formadoras da base de conhecimentos e dos mecanismos que permitem construir imagens por evocação, gerar movimentos e facilitar o processo de imagens. Ao contrário dos mecanismos do espaço de imagem, que são explícitos, os conteúdos do espaço dispositivo são implícitos:

> Toda a nossa memória, herdada da evolução e disponível ao nascermos ou adquirida desde então pelo aprendizado – em suma, toda nossa memória sobre as coisas, propriedades das coisas, pessoas e lugares, eventos e relações, habilidades, regulações biológicas, tudo - , existe na forma dispositiva (ou seja, implícita,

---

percepção que corresponde a essa mesma região cortical.

oculta, inconsciente), aguardando para tornar-se uma imagem explícita ou uma ação. (Damásio 2000, p. 418).

Porém, para que essas imagens ocorram efetivamente na consciência, precisam estar correlacionadas com a base neural para o "eu", do contrário não poderíamos estar conscientes da existência destas imagens, não saberíamos que elas são "nossas imagens". A respeito disso, Turtelli (2003) afirma:

> [...] (As) imagens que fazemos do mundo exterior não diferem, na sua qualidade, das imagens que fazemos de nós mesmos. Em ambos os casos, as imagens ocorrem dentro de nós, de acordo com nossas referências individuais. Neste sentido, o mundo externo só existe na medida em que cada um de nós existe nele. [...] Nesta perspectiva, o mundo externo torna-se parte de nós, os limites do corpo tornam-se mutáveis de acordo com nossas atitudes, nossa atenção, nossa motivação, nossos desejos. (TURTELLI, 2003, p. 33).

A partir dessa visão mais ampla e profunda do que vem a ser imagem, poderemos compreender melhor a imagem corporal em sua dimensão e complexidade.

2.2. Considerações Sobre Imagem Corporal

O que é *imagem corporal?*

Responder a esta questão não constitui uma tarefa fácil, visto que o conceito de imagem corporal não está restrito a uma única definição e não apresenta uma delimitação rígida. Ao considerar o aspecto subjetivo da imagem corporal, referido por autores como Damásio (1996) e Schilder (1999), torna-se no mínimo imprudente conceituá-la de maneira simplista, pois deixa brechas para interpretações reducionistas acerca de um assunto que mergulha profundamente na complexidade humana.

Os primeiros estudos a respeito do tema *imagem corporal* foram uma tentativa de localizar no cérebro regiões de controle da percepção corporal. O interesse por esse tema surgiu no início do século passado por parte dos neurologistas, ao observarem em seus pacientes distúrbios na percepção corporal associadas a lesões cerebrais. Alterações como a negação da existência de partes do corpo, incapacidade de distinguir os lados direito e esquerdo do corpo, recusa em reconhecer a incapacitação de regiões corporais paralisadas entre outras, aguçaram a curiosidade dos neurologistas da época, dando início a essa nova linha de pesquisa.

Segundo Shontz (1990), a mais influente das primeiras tentativas de explicar, de um modo sistemático, a experiência corporal normal partiu do neurologista Henry Head (1920, 1926), embora desde o século XVI já existissem relatos sobre o assunto realizados pelo cirurgião Ambrose Paré. Head utilizou, pela primeira vez, o termo esquema corporal (*schema*), para definir a operação das representações neurais, que servem como guias na localização do estímulo corporal e no direcionamento das adaptações posturais. Head aponta dois aspectos interessantes relacionados aos esquemas corporais: que os esquemas corporais são inconscientes, embora

afetem a experiência consciente, e que não são uma estrutura estática - estão em constante mudança. Podemos verificar isso nas seguintes descrições de Head:

> Além de sua função como um órgão de atenção local, o córtex sensorial é também um armazém de impressões passadas. Estas podem surgir na consciência como imagens, mas mais freqüentemente [...], permanecem fora da consciência central.
> Por meio de perpétuas alterações na posição, estamos sempre construindo um modelo postural de nós mesmos que muda constantemente. (Head *apud* Schilder, 1980).

Depois de Head, muitos autores desenvolveram as mais variadas pesquisas, com diferentes enfoques em torno da percepção e da experiência corporal; no entanto, não encontramos entre os mesmos um consenso com relação ao conceito de imagem corporal.

Turtelli (2003) aponta que existe uma discussão entre os pesquisadores da área, sobre como conceituar e abordar adequadamente o assunto: alguns pesquisadores vêem na multidimensionalidade do tema algo positivo, e outros pesquisadores vêem nessa amplitude do tema uma falta de conceituação adequada. Algumas pesquisas não trazem o termo imagem corporal, embora tratem do assunto. Outras, trazem o termo, mas não definem o assunto. Vários pesquisadores (Fisher, 1990; Adame *et. al.*, 1991; Bacalá, 1999) têm em Schilder uma referência para definir imagem corporal.

Podemos encontrar nos vários estudos uma gama de terminologias e definições, como: imagem espacial do corpo, somatognosia, esquema corporal, esquema postural, auto-estima, entre outras que, na maioria das vezes, são utilizadas indiscriminadamente como sinônimos.

Embora coloquemos no decorrer deste mesmo capítulo algumas definições de imagem corporal, para compreender a dimensão do que estamos nos referindo será necessário irmos um pouco além destas definições, buscando, numa visão integradora, tanto os aspectos intrínsecos quanto os extrínsecos da experiência humana sobre os quais se constrói e se sustenta a imagem corporal.

Quando se fala em imagem corporal logo pensamos em Paul Schilder, pois, certamente, a maior contribuição nesse campo foi dada por suas idéias, em seu livro *A Imagem do Corpo* (1980). Schilder inovou a discussão acerca desse tema, acrescentando conceitos da psicologia e da psicanálise. Aborda a imagem corporal sob três aspectos: enquanto um suporte fisiológico, uma estrutura libidinal e o de uma significação social. Procuraremos aqui nos ater à questão do conceito:

> Entende-se por imagem do corpo a figuração do nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós. (Schilder, 1980, p.11).

Esta frase, muito citada por vários autores, talvez seja o ponto de partida para uma investigação mais profunda e esclarecedora sobre o assunto, porém, vista de maneira isolada, não dá a dimensão exata daquilo sobre o que

falamos. Para compreender o que vem a ser a *"figuração do nosso corpo em nossa mente"* vamos percorrer todos os vieses traçados por Schilder.

Schilder (1980) coloca que a todo momento recebemos informações vindas tanto do meio externo como do meio interno do corpo. Há sensações provenientes dos músculos (cinestesia), das vísceras, da pele (dor, temperatura, tato), que nos permitem experienciar e perceber o corpo enquanto uma unidade, na qual estão presentes figurações[2] e representações mentais. Essa unidade é denominada *esquema corporal* ou *modelo postural* (termo criado por Head), sendo que, para Schilder, equivale a imagem corporal.

Podemos ainda encontrar, na conclusão de seu livro, a afirmação de que nosso modelo postural não é hermeticamente definido: modifica-se a cada objeto que toca o corpo e tem relação com o modelo postural das pessoas a nossa volta. Quando percebemos ou imaginamos um objeto, há sempre uma personalidade que experimenta a percepção, ou seja, a percepção é sempre nosso próprio modo de perceber. Existem necessidades emocionais expressas na própria percepção e na ação que nela se baseia. A vida emocional tem um papel enorme na forma final do modelo postural do corpo. As atitudes em relação às situações vitais, história de vida em seus aspectos subjetivos, levarão a uma percepção diferente do corpo, relacionadas com sensações diferentes no mesmo. Tais alterações podem ocorrer na esfera das imagens, dos pensamentos, dos atos voluntários e involuntários e, finalmente, em mudanças reais nos órgãos. Um sintoma orgânico ou psicogênico tem sempre ligação com o modelo postural do corpo. Existe ainda uma imagem social do

[2] Para Schilder (1980, p. 153-4), as figurações são representações e percepções. A figuração já é o produto de diversas atividades e interações de tendências dirigidas para a situação externa.

corpo. A vida social está baseada nas inter-relações dos modelos posturais. Mas são, contudo, processos entre indivíduos. Ainda quando um indivíduo socializa sua imagem postural, ela continua sendo *sua* imagem postural. Nossa própria imagem corporal não é possível sem as imagens corporais dos outros, pois é criada em troca constante. Quando você interage com uma pessoa seja através do olhar ou do toque sua atitude corporal nesse momento receberá total influência do conteúdo afetivo despertado nessa relação inter-corporal.

Schilder coloca também uma outra dimensão da imagem corporal, relacionada à estrutura libidinal, com base na teoria psicanalítica. Coloca que a libido (energia sexual) terá uma grande influência na estrutura global da imagem corporal; supõe que na fase de desenvolvimento oral, a imagem corporal estará centrada na boca; na fase anal, no ânus; e assim por diante. Diante da multidimensionalidade da imagem corporal apontada no trabalho de Schilder (1980), podemos dizer que não há como considerar a imagem corporal uma entidade isolada, e qualquer discussão nesse sentido seria incompleta. Existe hoje uma série de autores que abordam, de uma maneira ou de outra, este tema, sendo que muitos deles encontram em Schilder um suporte para definir e conceituar imagem corporal. Não pretendemos aqui discorrer sobre cada um deles, mas apenas nos ater àqueles cujas teorias se diferenciam significativamente da de Schilder. No entanto, podemos encontrar em Turtelli (2003, p. 36), referências sobre o trabalho de muitos desses autores. Em busca de uma outra abordagem do tema "Imagem Corporal", encontramos na psicanálise o trabalho de Françoise Dolto (1984), *A imagem inconsciente do corpo*.

Dolto (1908-1988), médica e psicanalista francesa[3], dedicou toda sua vida profissional à causa das crianças. Defendeu sua tese de medicina sobre o tema das relações entre a psicanálise e a pediatria. A representação particular que fez da imagem do corpo está mais próxima da concepção lacaniana do estádio do espelho[4] do que da definição de Paul Schilder. Afirmamos isso porque as idéias psicanalíticas têm ênfase maior em seu trabalho. A distinção que ela faz entre imagem corporal e esquema corporal se diferencia das comumente encontradas na literatura.

Segundo Dolto (*op. cit.*, p.14), não se deve confundir a imagem do corpo com o esquema corporal:

> O esquema corporal é, em princípio, o mesmo para todos os indivíduos (aproximadamente da mesma idade, sob um mesmo clima) da espécie humana; a imagem do corpo, em contrapartida, é peculiar a cada um: está ligada ao sujeito e à sua história. (DOLTO, *op. cit.*, p. 14).

O *esquema corporal* é o corpo físico em contato com o mundo físico, é uma realidade de fato e as experiências de nossa realidade dependem da integridade ou não do organismo; é o mediador organizado entre o sujeito e o mundo. Nos casos clínicos que Dolto relata em seu livro *A imagem*

---

[3] Da geração de psicanalistas franceses influenciada por Jacques Lacan (1901-1981). *"Foi o único a dar à obra Freudiana uma estrutura filosófica e a tirá-la de seu ancoramento biológico, sem com isso cair no espiritualismo"* (*In* Roudinesco, E. & M. Plon, 1997).

[4] *"Expressão cunhada por Jacques Lacan, em 1936, para designar um momento psíquico e ontológico da evolução humana, situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida, durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade*

inconsciente do corpo, vimos crianças com esquema corporal saudável, cujo funcionamento, no entanto, estava prejudicado por imagens patológicas do corpo. Podemos ter pessoas com o esquema corporal alterado, que não apresentam distúrbios na imagem corporal; pessoas com o esquema corporal intacto que apresentam distúrbios de imagem corporal; e pessoas que sofrem alterações no esquema corporal que acabam por provocar também distúrbios na imagem corporal, que podem ser passageiros ou duradouros.

Segundo Dolto (*op. cit.*), quando uma criança é acometida por uma lesão ou enfermidade, é fundamental que esse *déficit* seja explicitado a ela, lembrando-a do seu passado antes da lesão ou comparando-a com as outras crianças normais, através da verbalização com a mãe, sobre correr, jogar bola, enfim, sobre coisas que sua mãe sabe, assim como a própria criança, que nunca irá realizar. Desta forma, a criança projeta uma imagem do corpo sã, simbolizada pela palavra e pelas representações gráficas, integrando na linguagem tais desejos, apesar de suas limitações corporais. É importante, para que isso ocorra, que ela possa partilhar esses desejos com alguém que aceite com ela esse jogo projetivo.

Portanto, tudo isso irá depender de como se deu a entrada no simbólico, se através de uma relação referencial de caráter sensorial e afetivo, ela conseguiu alcançar a relação simbólica.

O esquema corporal é o intérprete da imagem do corpo, é através do suporte que ele representa que se torna possível a comunicação com o outro. Todo contato com o outro, seja no sentido de comunicar-se ou de evitar a comunicação, é subtendido pela imagem do corpo. É na imagem do corpo que

---

corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção

todo passado inconsciente repercute na relação presente. A imagem corporal é a memória inconsciente de nossas experiências emocionais, de toda vivência relacional e, ao mesmo tempo, está presente aqui e agora, de forma dinâmica, tanto na relação com o outro quanto em seu narcisismo; expressa-se por qualquer forma de comunicação: desenho, modelagem, invenção musical, plástica, assim como mímica e gestos. É importante saber que, ao olhar para o desenho ou modelagem de uma criança, a imagem corporal não é o que se está vendo ali, porém ela será decodificada na fala da criança em seu diálogo com o analista.

Uma das coisas que marca o trabalho de Dolto (*op. cit.*) é a relação que se estabelece entre o esquema corporal e a imagem do corpo. O esquema corporal é o lugar da necessidade orgânica, onde ocorrem as sensações de prazer e dor, que se cruzam com imagem corporal, que é o lugar do desejo (inconsciente). Essa relação só ocorre na medida em que existem palavras vindas de um outro para humanizar as percepções do esquema corporal. É necessário que as percepções corporais, sejam elas de prazer ou de dor, sejam simbolizadas na linguagem (por exemplo pela palavra) para que se estruture numa imagem do corpo que sirva como ponto de comunicação inter-humano. Um esquema corporal que não se relaciona com a imagem corporal torna o viver em um viver mudo, solitário, cativo de uma imagem incomunicável, como se pode observar nos autistas ou psicóticos. Podemos verificar essa relação na seguinte citação de Dolto:

---

de sua própria imagem num espelho" (ibidem).

> É por meio da palavra que desejos findos puderam organizar-se em imagem do corpo, que lembranças passadas puderam afetar zonas do esquema corporal...(Se) não houver palavras, a imagem do corpo não estrutura o simbolismo do sujeito, mas faz deste um débil ideativo relacional. (DOLTO, *op. cit.*, p.30).

Dolto (*op. cit.*) coloca o esquema corporal como sendo em parte inconsciente, mas também é preconsciente e consciente. Estrutura-se pela aprendizagem e pela experiência. É evolutivo no tempo e no espaço e pode ser independente da linguagem, ou seja, da história relacional do sujeito com os outros. A imagem do corpo é sempre inconsciente, não apenas da ordem do imaginário, mas também da ordem do simbólico. Estrutura-se pela comunicação entre sujeitos e se constitui pela articulação dinâmica de três aspectos da mesma imagem: *imagem de base, imagem funcional e imagem erógena.*

A *imagem de base* tem um caráter estático, é o que faz com que a pessoa possa se reconhecer, é o que permite a pessoa sentir-se numa mesmice de ser, apesar das mudanças que vão ocorrendo na vida e no corpo. A imagem de base está no sentimento de existir de um ser humano, que sustenta seu corpo em seu narcisismo.

A *imagem funcional* é a imagem de um sujeito que visa a realização de seu desejo, isto é, a imagem na qual se articulam zona erógena, pulsão e desejo, que pode sofrer enriquecimentos através de deslocamentos e sublimações. A imagem funcional possibilita, através da utilização adequada do esquema corporal, chegar a seus objetivos, satisfazendo suas necessidades, e

expressar seu desejo através de seus jogos, como podemos observar no trecho que se segue:

> Deve-se compreender que a elaboração da imagem funcional realiza, com respeito ao acionamento das zonas erógenas, um enriquecimento das possibilidades relacionais com o outro. (DOLTO, *op. cit.*, p.43).

A *imagem erógena* é mais simbólica, sua representação é referida a círculos formas ovais, côncavas, bolas, traços e buracos. É associada a determinada imagem funcional do corpo, onde se focaliza o prazer ou desprazer erótico na relação com o outro.

Segundo Dolto (*op. cit.*), o importante é entender como esses três componentes da imagem do corpo se metabolizam, se transformam e se remanejam, ou melhor, entender como, ao longo de cada fase, a imagem de base garante sua coesão narcísica:

> Para isso é necessário: 1. que a imagem funcional permita uma utilização adequada do esquema corporal; 2. que a imagem erógena abra ao sujeito o caminho de um prazer partilhado, humanizante naquilo que tem como valor simbólico e pode ser expresso não apenas através da mímica e agir, mas com palavras ditas por outrem (...) (DOLTO, *op. cit.*, p. 44).

Pode-se dizer, então:

"[...] (A) imagem do corpo é a síntese viva, em constante devir, destas três imagens: de base, funcional e erógena, ligadas entre si através das pulsões de vida, as quais são atualizadas para o sujeito naquilo que denomino imagem dinâmica"(DOLTO, *op. cit.*, p.44).

2.3. Considerações Sobre Movimento, Desenvolvimento Psicomotor e Imagem Corporal.

Este item se refere à relação entre o movimento, o desenvolvimento psicomotor e a imagem corporal. Não pretendemos nos aprofundar muito, pois trata-se de um tema extenso, complexo e com diferentes abordagens. Desenvolveremos o suficiente para dar suporte ao objetivo do trabalho.

Podemos iniciar o assunto do movimento lembrando que, mesmo quando estamos parados, estamos em movimento; mesmo quando não há movimentos sendo expressados, externalizados, todas as nossas células encontram-se em movimento e é disso que depende a homeostase que nos mantém vivos:

Não há vida sem movimento e a parada de seu movimento próprio, pára toda a matéria viva, é a morte. (LAPIERRE,1986, p. 30).

Cada movimento do corpo humano contém uma carga afetiva, emocional que determina a atitude corporal e reflete toda a história desde o

nascimento e, possivelmente -segundo Turtelli (2003, p. 164)- as relações da fase intra-uterina. Ainda se referindo ao trabalho de Turtelli: *"Estas primeiras experiências de relação com o nosso próprio corpo, com a mãe e com outras pessoas e fatores do meio, têm papel primordial no modo como formaremos nossas imagens corporais".*

O corpo, assim, é o primeiro objeto percebido pela criança, uma vez que proporciona a ela perceber o mundo exterior. Essa experiência corporal vivida através das sensações, das percepções e da ação se organiza , se estrutura, para constituir a personalidade.

Vayer (1982) coloca que é a atividade assumida e vivida pela criança que lhe permite desenvolver o seu *ego* e organizar as relações com o mundo que a rodeia.

Lapierre (2002) fala também do *ego* corporal, lembrando a fala de Freud (1923) em *O ego e o id*, que *"O ego é, antes de mais nada, um ego corporal".* Traz também a concepção de D. Anzieu em *O ego pele*, o qual, assim como Freud, privilegia as sensações que considera como epidérmicas. No entanto, Lapierre vai além destas concepções e acrescenta que: *"O* ego *não é somente um 'ego pele', mas também um 'ego carne'"* (LAPIERRE, 2002, p. 111). Existe uma comunicação carne a carne, na qual a musculatura é, ao mesmo tempo, emissora e receptora de sensações. É pela experiência que aprendemos a diferenciar as sensações proprioceptivas das exteroceptivas, através das sensações musculares, tendinosas e articulares que o movimento gera.

Desta forma, a ação através do movimento, embora não seja o único, constitui um fator importante em todo o processo de desenvolvimento da criança. Em cada fase estará presente uma imagem corporal que se constrói e

se desmancha constantemente, de acordo com a experiência vivida e, sem dúvida, o movimento participa desse processo.

Segundo Le Boulch (1982), a imagem corporal se constrói junto com as etapas do desenvolvimento, para alcançar, a cada nível de organização da personalidade, uma unidade provisória e que se deve reconstruir em cada nova etapa.

O próprio Le Boulch distingue quatro fases na estruturação da imagem do corpo:

1. Etapa do corpo submisso (de zero a dois anos de idade): *"Os movimentos são estritamente automáticos, dependendo da bagagem inata (reflexos e automatismos de alimentação, de defesa e de equilíbrio). Daí resulta um comportamento inteiramente dominado pelas necessidades orgânicas e ritmado pela alternância alimentação - sono)".*
2. Etapa do corpo vivido (até três anos de idade): *"Nesta fase a atividade do corpo traduz a expressão de uma necessidade fundamental de movimento e de investigação. Pela experiência vivida do movimento global, enquanto distingue seu próprio corpo do mundo dos objetos e estabelece um primeiro esboço da imagem do seu corpo, a criança parte para a descoberta do mundo exterior".*
3. Etapa do corpo descoberto (até sete anos de idade): *"durante a fase do corpo vivido, a experiência emocional do corpo e do espaço resulta na aquisição de várias práxis que permitem à criança sentir seu corpo como objeto total no mecanismo do relacionamento".*

4. Etapa do corpo representado (até doze anos de idade): *"As experiências tônicas e motoras, interiorizadas e verbalizadas, relacionadas com os dados exteriores, particularmente os dados visuais, produzem uma primeira imagem sintética do corpo".*[5]

Segundo Melo (1997), a cada etapa, a criança aprimora e amplia seu repertório de ação na construção de esquemas que, integrados, vão estruturando sua imagem corporal:

> A motilidade em primeira instância é o meio de relação sujeito/mundo. O resultado satisfatório dessa relação só será possível por meio das ações corporais que frutifiquem em evoluções motoras, intelectuais e sociais. (MELO, 1997, p. 22).

Outros autores também descrevem as fases do desenvolvimento, movimento e imagem corporal e evidenciam a importância de se considerar os aspectos do desenvolvimento, da formação e transformação da identidade, nos estudos sobre imagem corporal.

Turtelli (2003) cita em seu trabalho alguns desses autores, especialmente Judith Kestenberg. O trabalho de Kestenberg, segundo Turtelli, traz as fases do desenvolvimento vistas a partir do enfoque de padrões motores e suas inter-relações com a psique, utilizando-se o tempo todo da linguagem da psicanálise. Seus estudos deixam claro:

---

[5] Referências a Le Boulch tomadas de Melo (1997).

> [...] como o movimento e a imagem corporal são individualizados e dependentes da história de vida da pessoa (relações iniciais com a mãe, relações com outras pessoas e com o meio), assim como de suas preferências pessoais por certas qualidades de movimento. Também fica evidente como os ritmos de movimento influenciam no modo de pensar da pessoa e se relacionam de perto com seus sentimentos e sua personalidade. Essa relações tornam evidente a necessidade de uma adequação da atividade física às necessidades particulares da pessoa ou grupo...(TURTELLI, 2003, p. 218).

Não restando mais dúvidas a respeito da íntima relação que se estabelece entre os movimentos, o desenvolvimento e a construção da imagem corporal e de quão subjetivo é esse processo, cria-se a necessidade de uma atividade motora que se adeqüe às necessidades individuais de cada sujeito. Mesmo dentro de um grupo, é necessário estar atento ao que cada um necessita naquele momento.

1. METODOLOGIA

Iniciamos este estudo realizando leituras sobre o tema Imagem Corporal com ênfase em Paul Schilder e Françoise Dolto, uma vez que são autores que se destacam na área e apresentam idéias bastante distintas entre si.

Utilizamos também os acervos da biblioteca da FEF, assim como os de outras bibliotecas setoriais e biblioteca central da Unicamp, na busca de autores relacionados com o tema, como Damásio, Le Boulch, Vayer, Lapierre e outros. Baseando-nos nas leituras, delimitamos o tema e traçamos os objetivos deste trabalho, sob os quais elaboramos um questionário, instrumento utilizado para a coleta de dados. Após a elaboração do questionário, este foi aplicado a dez pessoas (estudantes e/ou graduados em Educação Física), para sua validação (pré-teste), sendo incorporadas na estruturação final deste instrumento as modificações necessárias, tal como se apresenta em anexo.

3.1. Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa de natureza qualitativa com pesquisa de campo, tendo como procedimento metodológico, para a coleta de dados, a aplicação de questionário. Acreditamos ser a pesquisa qualitativa mais adequada para o estudo em questão, uma vez que é inegável a participação de fatores psicológicos, sociais, culturais e antropológicos que interferem no comportamento humano em sua subjetividade.

Chizzotti (1995), refere-se a um dos aspectos que diferencia a pesquisa qualitativa da quantitativa:

> A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito- observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhe uns significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 1995, p. 79).

Mucchielli (1978) comenta sobre a diferença entre a pesquisa quantitativa e qualitativa:

> Abandonando os cálculos, a análise qualitativa orienta-se, ao contrário, para a análise psicológica das observações recolhidas. Existe, de fato, entre os resultados das operações precedentes, fatos que surpreendem, constatações inesperadas. Assim, a análise qualitativa é rica de descobertas e sugestões (...) (MUCCHIELLI, 1978, p. 74)

Podemos dizer que os dados colhidos numa pesquisa qualitativa são fenômenos que têm um aspecto subjetivo que não pode ser retirado. É exatamente com essa amplitude que olhamos para os sujeitos desta pesquisa.

3.2. Universo Pesquisado: caracterização da amostra

Nosso universo foi delimitado tendo como referência o curso de especialização em Atividade Motora Adaptada (AMA) da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp. A escolha deste grupo se deu pelo fato de haver profissionais envolvidos no estudo e/ou na prática de atividades motoras que podem levar ao desenvolvimento da imagem corporal. A proximidade destas pessoas com o entrevistador no Curso de Especialização também foi um fator considerado, que facilitou a aplicação dos questionários. O grupo de alunos pesquisados caracteriza-se como um grupo heterogêneo com relação à formação acadêmica, idade, sexo e área de atuação. A maioria (vinte e três) são professores de Educação Física, três fisioterapeutas, duas pedagogas e duas terapeutas- ocupacionais.

3.3. Instrumentação e Coleta de Dados

Os dados deste estudo foram obtidos através da utilização de questionário *(ver Anexo).*

A elaboração deste instrumento baseou-se nas leituras realizadas sobre Imagem Corporal e nos objetivos traçados para este trabalho.

O questionário apresenta uma parte relativa à identificação da pessoa, com dados como nome, idade e sexo, seguidos de sete questões abertas. A opção pelas questões abertas, embora a apuração das respostas seja mais trabalhosa e exija uma análise de conteúdo, se deu devido ao fato de que esse tipo de questão permite ao indivíduo uma maior liberdade de se expressar , fator de fundamental importância para os resultados desta pesquisa.

Segundo Mucchielli (1978, p. 35), ao contrário da questão fechada, a questão chamada "aberta" não prevê respostas e deixa ao indivíduo a completa liberdade de se expressar como quiser, de formular a seu modo a resposta à questão colocada.

Por se tratar de assunto complexo, tanto pela sua amplitude como pela sua profundidade, as questões foram elaboradas com o intuito de captar nas respostas a percepção, a subjetividade, com que cada indivíduo trata o assunto. Por isso partimos primeiro das questões que envolvem as ações no cotidiano de cada um em sua prática profissional, para depois questioná-los com relação ao conceito.

Os questionários passaram primeiramente por um pré- teste com dez pessoas da área de Educação Física (estudantes e graduados), e as sugestões pertinentes foram incorporadas na elaboração final do mesmo.

Foram distribuídos em mãos a cada um dos sujeitos participantes da pesquisa e foram auto-aplicados. No total foram distribuídos vinte e cinco questionários.

2. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram distribuídos vinte e cinco questionários, dos quais treze foram respondidos e devolvidos.

A análise dos resultados se deu na mesma seqüência em que as questões se apresentam.

Questão 1:

A primeira pergunta se refere à formação acadêmica. Em que a pessoa é graduada.

Dos treze questionários respondidos, doze são professores de educação física e um fisioterapeuta.

Questão 2:

Refere-se à área de atuação da pessoa no momento e o tempo em que a pessoa atua nessa área.

Das treze respostas, uma não está trabalhando no momento. Dos outros doze, todos realizam trabalhos corporais numa média de tempo de sete anos e meio, um atua no setor administrativo há seis meses, e dois realizam trabalhos de orientação educacional em uma média de tempo de sete anos e meio também. (cf. quadro 1 em *Anexo*).

Questão 3:

Foi perguntado se a pessoa identifica em suas ações elementos que contribuem para o desenvolvimento da imagem corporal de seus alunos e quais são essas ações. Com exceção de uma pessoa que não respondeu porque não está trabalhando na área, todos os outros responderam que sim, que identificam em suas ações elementos que contribuem para o desenvolvimento da imagem corporal. Nove pessoas identificaram como mais relevantes, ações voltadas para o conhecimento do próprio corpo; 7 (sete) pessoas, ações voltadas ao desenvolvimento da orientação do corpo no espaço e 3 (três), consideraram como importantes ações voltadas ao desenvolvimento da auto-estima. (cf. quadro 2 em *Anexo*).

Questão 4:

A quarta questão refere-se às ações mais relevantes na opinião do grupo, para desenvolver especificamente a imagem corporal de seus alunos.

Tivemos três pessoas que não responderam a essa questão, além da que não está atuando na área. Das outras nove, seis elegeram como mais relevantes ações voltadas à percepção física do próprio corpo, duas a melhora da auto-estima, uma ações que contemplem as necessidades individuais e três ações voltadas ao desenvolvimento emocional e mental. (cf. quadro 3 em *Anexo*).

Questão 5:

Que tipo de distúrbio o profissional identificaria como sendo um distúrbio de imagem corporal?

Dos treze questionários, apenas um não respondeu a essa questão, pois a pessoa não está trabalhando no momento. Dos outros doze, todos identificaram distúrbios relacionados à imagem corporal. Oito pessoas identificam como distúrbios de imagem corporal as alterações relacionadas a falta de percepção corporal; cinco as alterações emocionais; três as alterações de comportamento e alterações físicas como as deformidades. (cf. quadro 4 em *Anexo*).

Questão 6:

A sexta questão se refere ao conceito de imagem corporal. O que é imagem corporal para cada um desses sujeitos participantes da pesquisa. Todos responderam a essa questão.

Vinte e duas respostas relacionaram imagem corporal com a percepção que a pessoa tem do próprio corpo, quatro com a relação do indivíduo com meio, três com a imagem visual, dois com os aspectos emocionais, dois como o indivíduo se percebe como um todo e um colocou a imagem corporal como uma construção dinâmica. (cf. quadro 5 em *Anexo*).

Questão 7:

A sétima e última questão pergunta se já leram ou não algum autor específico sobre imagem corporal e quais. Dos treze questionários respondidos nenhum leu autores que tratam especificamente de imagem corporal.

5. Discussão

Buscamos na literatura autores que se destacam no estudo da imagem corporal, como Schilder (1989) e Dolto (1984), além de outros que julgamos importantes por acrescentarem, através de seus trabalhos práticos, informações que contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

Em relação à bibliografia consultada, o que pudemos perceber é que não há entre os autores um consenso sobre conceitos e definições de imagem corporal. Pudemos verificar que há muitas pesquisas que abordam esse tema relacionando-o com os mais variados assuntos. Se por um lado a falta de uma delimitação acerca do conceito de imagem corporal dificulta o entendimento para aqueles que buscam uma resposta imediata para uma aplicação prática, como coloca Fisher (1990), por outro lado, uma delimitação rígida desse conceito corria o risco de reduzir o termo a uma significação simplista, que não permite abordar o homem em sua complexidade. A amplitude que o assunto assume nos dias de hoje, justamente abre as portas para uma discussão que parte das mais variadas experiências e percepções humanas. Acreditamos que esse fato é o que torna o estudo da imagem corporal complexo e desafiador.

Como podemos ver, a imagem corporal é subjetiva e está intimamente relacionada às experiências e às percepções do indivíduo, porém, como coloca Dolto (1984), é necessário que essas percepções vividas sejam simbolizadas através de palavras vindas da mãe ou de outros, para que se estruturem em imagens do corpo em nível do inconsciente e possam, assim, permitir a

comunicação entre sujeitos. Podemos dizer, então, que os sujeitos se relacionam a partir de suas imagens corporais.

> Da mesma maneira a compreensão de uma palavra irá depender do esquema corporal de cada um e da constituição de sua imagem do corpo, associada as trocas vivas que acompanharam para ele a integração, a aquisição desta mesma palavra. (DOLTO, 1984, p.33).

Como podemos notar, Dolto conceituou imagem corporal a partir dos conceitos da psicanálise, dando a ela a dimensão do inconsciente.
Procuramos em outros autores como Lapierre (1988, 2002), Le Boulch (1982), Vayer (1982), Kestenberg (*In* Turtelli, 2002), entre outros, a relação entre movimento, desenvolvimento psicomotor e imagem corporal.

Entre os autores pesquisados todos apontam para a importância do movimento, tanto para o desenvolvimento psicomotor como para a estruturação da imagem corporal. Vayer (1982) aponta para a importância da atividade vivida pela criança para desenvolver o *ego* e organizar as relações com o meio.

É através da motricidade que nos relacionamos com o mundo, que interagimos com outros sujeitos e com o meio. Portanto, é através dos movimentos, de nossas experiências corporais e da repercussão que têm em nível inconsciente que nos reconhecemos enquanto sujeitos na relação com o outro.

Partindo dessa visão abrangente da imagem corporal, que procura integrar todos os aspectos do ser humano em sua existência, buscamos,

através da pesquisa de campo, verificar como essas relações têm se dado na prática.

O primeiro fato curioso, que merece ser comentado, foi o número elevado de questionários não respondidos, pois somente a metade dos que foram distribuídos obtiveram resposta. Esse fato não deve ser ignorado, pelo contrário, deve nos conduzir a uma reflexão e avaliação do instrumento aplicado. Segundo Mucchielli (1978, p. 69), é um erro considerar irrelevante o problema das não-respostas que aparecem nos questionários, pois tem um sentido. Podem significar que existe um desconhecimento real do tema da pergunta, por parte dos entrevistados; recusa em se comprometer com uma resposta; fuga da resposta porque a pergunta despertou inquietação ou desconfiança; incompreensão da pergunta.

Após distribuídos os questionários, muitas das pessoas comentaram sobre a dificuldade em respondê-lo. Apontaram para a complexidade do tema e das questões. Se associarmos a isso o fato de que todos que responderam nunca leram nenhum autor específico de imagem corporal, podemos concluir que o conhecimento por parte dos profissionais pesquisados a respeito do tema é empírico, baseado provavelmente na experiência individual. Falta um conhecimento mais específico que aborde toda a dimensão e a profundidade do assunto.

Observamos no grupo pesquisado uma diversidade grande com relação às áreas de atuação e ao tempo que cada um trabalha na área. No entanto, o que é relevante para o nosso estudo é a constatação de que todos realizam trabalhos corporais e têm experiência na área em que atuam. Esse dado é importante porque o cerne de nossa pesquisa está justamente nas ações que

esses profissionais desenvolvem e uma possível relação destas com a construção da imagem corporal.

Podemos identificar nas respostas que na percepção destes profissionais essa relação existe, mesmo que não haja uma intenção específica em trabalhar a imagem corporal. É interessante observar que embora muitos fatores tenham sido relacionados com a imagem corporal, predominou a relação *imagem corporal x percepção do próprio corpo.*

Essa concepção de imagem corporal se aproxima mais do modelo biológico proposto pelos autores que deram início aos estudos sobre esse tema, do que das discussões mais recentes que procuram abranger aspectos mais amplos da experiência humana.

É importante assinalar que o corpo, enquanto existência, assume uma dimensão que vai além de suas delimitações físicas. Necessita, acima de tudo, ser vivenciado, percebido. Suas experiências devem conduzi-lo a uma percepção além do reconhecimento das partes do corpo. Quando o corpo está em movimento, é importante que se esteja atento às sensações que este proporciona, e que tipo de sentimento se torna presente nesse momento, pois cada movimento possui uma carga afetiva, está carregado de uma afetividade que, no momento em que é despertada e trazida para a consciência, seu sentido passa a ser reconhecido pelo indivíduo.

Caso contrário corremos o risco de achar que todos os corpos são iguais e respondem da mesma maneira diante de uma ordem para que se movimentem.

Observamos uma preocupação com ações que desenvolvam a percepção corporal, mas houve poucas referências que fizessem uma

aproximação dessa percepção com os aspectos afetivos/emocionais e sua representação simbólica em nível inconsciente.

Acreditamos que conhecer melhor esse assunto em sua profundidade, permitiria ao professor de educação física e a outros profissionais que se ocupam de trabalhos corporais, se apropriar mais desse instrumento tão valioso que é o movimento humano. Reconhecemos o sentido do movimento à medida que podemos percebê-lo enquanto significante que pode dar sentido a experiência.

6. Considerações Finais

Este estudo proporcionou um aprofundamento dos conceitos de imagem corporal através da leitura de autores relevantes na área como Paul Schilder (1980) e Françoise Dolto (1984) e verificar a relação entre movimento, desenvolvimento psicomotor e imagem corporal, através da leitura de vários autores que dedicam-se a esse estudo ou desenvolvem trabalhos práticos na área como Lapierre (1988 e 2002), Le Boulch (1982), Vayer (1982) entre outros.

Através da pesquisa de campo pudemos verificar como essas relações ocorrem na prática profissional e qual o conceito que o grupo pesquisado tem de imagem corporal.

Constatamos que na percepção desses profissionais existe relação entre suas ações e o desenvolvimento da imagem corporal. Para eles, essa relação se dá em nível da percepção corporal. Embora apareçam outros fatores que se relacionam com a imagem corporal, não ocupam um lugar de tanta relevância.

Esse dado pode estar relacionado com o fato de que o conhecimento dessas pessoas a respeito de imagem corporal é um conhecimento empírico, baseado no senso comum e na experiência de cada um.

Acreditamos que um conhecimento mais profundo desta questão, permita um outro olhar para complexidade do Ser em sua existência humana e ultrapassando a concepção do movimento como um simples instrumento do trabalho corporal.

7. Referências Bibliográficas

BARBOSA, I. P. **A ginástica nos cursos de licenciatura em Educação Física do Estado do Paraná.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1995.

DAMÁSIO, A.. R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras,1996.

---------- . **O mistério da consciência: Do corpo e das emoções ao conhecimento de si.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

FISCHER, S. "The evolution of psychological concepts about the body". *In* CASH, T.F. & PRUZINSKY, T. (Eds.) **Body Images: Development, deviance and change.** New York: The Guilford Press, p. 3-20, 1990.

LAPIERRE, A . & AUCOUTURIER. **A simbologia do movimento: psicomtricidade e educação**. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.

LAPIERRE, A . **Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação.** Curitiba: Editora UFPR, 2002.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MELO, J.P. **Desenvolvimento da consciência corporal: uma experiência da educação física na idade pré-escolar.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

MUCCHIELLI, R. **O questionário na pesquisa psicossocial.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

ROUDINESCO, E.& PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SCHILDER, P. **A imagem inconsciente do corpo: as energias construtivas da psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

SHONTZ, F.C. "Imagem corporal e deficiência física". *In* CASH, T. F. & PRUZINSKY, T. (Eds.). **Body Images : Development, deviance and change.** New York: The Guilford Press, p. 3-20, 1990.

TURTELLI, L.S. **Relações entre imagem corporal e qualidades de movimento: uma reflexão a partir de uma pesquisa bibliográfica.** Campinas, 2002. 309 fl. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

VAYER, P. **A criança diante do mundo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

ANEXO

Quadros

Quadro 1: Área de atuação e média de tempo em que está atuando nessa área.

Categorias	Urcc	Média de tempo de atuação (em anos)
1. Trabalhos corporais		
Esporte de rendimento	02	7
Academia de ginástica	01	8,5
Educação física adaptada	06	4,5
Natação	01	5
Fisioterapia domiciliar	01	1,5
Educação física escolar	01	17
2. Setor Administrativo	**01**	
Planejamento e coordenaçã em esportes		6 meses
3. Orientação educacional		
Técnico em orientação e mo	01	9
Tecnologia assistiva	01	6

Quadro 2: Elementos identificados nas ações dos profissionais pesquisados que na opinião dos mesmos contribui para o desenvolvimento da imagem corporal.

Categorias	Urcc
1. Atividades para conhecimento do próprio corpo	**9 pessoas**
Consciência corporal	
Superar/ respeitar limites do corpo	
Jogos de expressão e dramatização	
Trabalho respiratório	
Auto-massagem	
Toque	
Olhar para o próprio corpo	
2. Atividades para o desenvolvimento temporo-espacial	**7 pessoas**
Noções de lateralidade	
Noções de ritmo	
Exercícios educativos	
Orientação corporal	
3. Atividades para desenvolver a auto-estima	**3 pessoas**
Melhorar percepção das qualidades físicas	
Participação em atividade física para fortalecer a auto-confiança e in	
Procurar as qualidades	
Não enfatizar seus defeitos físicos	

Quadro 3: Ações mais relevantes na opinião do grupo pesquisado para desenvolver especificamente a imagem corporal.

Categorias	Urcc
1. Ações que levam à percepção corporal	**6**
Reconhecimento corporal através do sentidos	1
Vivências corporais múltiplas e variadas (perceber e sentir o corpo no espaç	3
Estimular o desenvolvimento físico	1
Corrigir os movimentos verbalmente e com o toque (cegos)	1
2. Ações que levam a melhorar a auto-estima	**2**
Salientar as qualidades	1
Aceitação do corpo independente de suas limitações	1
3. Ações que consideram a necessidade individual da pessoa	**1**
Ações que estejam de acordo com a necessidade da pessoa e sejam cr avaliadas	1
4. Ações que consideram o aspecto mental e emocional	**3**
Ações que levam o indivíduo a se relacionar afetivamente com o próprio corp	1
Desenvolvimento físico e mental do próprio corpo	2

Quadro 4: Distúrbios que o grupo pesquisado identifica como sendo distúrbios de imagem corporal.

Categorias	Urcc
1. Distúrbios relacionados à percepção corporal	**8**
Sentir o corpo fraco mesmo quando não está assim	1
Não reconhecer o corpo como um todo	2
Falta de percepção do corpo em movimento	1
Se queixar de um segmento corporal que não tem sinais clínicos de les	1
Não ter noção de lateralidade	1
Não identificar partes do corpo	1
Descontrole dos movimentos	2
2. Distúrbios relacionados a alterações emocionais	**5**
Desânimo para fazer atividade física	1
Aceitação do corpo independente de suas limitações	1
Vergonha de seu corpo e de movimenta-lo	1
Alegar que jamais irá conseguir realizar determinado movimento	1
3. Distúrbios relacionados a alterações de comportamento	**3**
Bulemia	2
Anorexia	2
Rebeldia	1
uso de medicamento para emagrecer	1
4. Distúrbios relacionados a alterações físicas	**3**
Aumento de peso	1
Alteração de tônus muscular	1
Deformidades físicas	1

Quadro 5: Conceito de imagem corporal na opinião do grupo pesquisado.

Categorias	Urcc
1. Percepção que a pessoa tem do próprio corpo	**22**
Conhecimento das partes do corpo e da função de cada uma delas	2
Referências que o indivíduo tem dele próprio	4
Imagem que o indivíduo tem de si mesmo num aspecto cc inconscientemente	5
A forma como a pessoa se percebe (auto-conhecimento)	4
Conceito do próprio corpo	2
2. Relação do indivíduo com o meio em que vive	
Capacidade de se auto-ajustar as situação	
3. Imagem visual	**3**
Imagem de sí proprio ao se olhar	1
Aparência	2
4. Relação com os aspectos emocionais	**2**
Aceitação de si mesmo	1
A forma como as pessoas sentem o próprio corpo	1
5. Imagem que o indivíduo tem de si mesmo como um todo	**2**
Imagem física, corporal e espiritual	
Fotografia da pessoa como um todo	
6. A imagem corporal como uma construção dinâmica	**1**
pode ser mudada a qualquer momento	

QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA

Prezados colegas de especialização em A.M.A da FEF,

Meu nome é Claudia. Estou cursando a especialização em atividade motora adaptada e venho pesquisando a respeito de Imagem Corporal sob a orientação da professora Maria da Consolação G. Cunha F. Tavares.
Tenho como tema da monografia de final de curso o estudo da imagem corporal através das ações dos profissionais que trabalham com o movimento do corpo humano, especialmente os professores de educação física.
O objetivo desse trabalho é verificar se o profissional envolvido no estudo e/ou na prática da atividade física identifica em suas ações um caminho para o desenvolvimento da imagem corporal de seus alunos.
Minha pesquisa será realizada através de um estudo teórico sobre imagem corporal, e aplicação de questionário aos alunos de especialização em AM.A. da FEF.
Sendo assim, sua contribuição será de grande valor, pois só desta forma terei os dados necessários para a conclusão deste trabalho.

Grata,

Claudia Vaz Pupo de Mello

Questionário

Nome:

Idade: Sexo:

1) Graduação:

2) Qual é seu tipo de atuação profissional hoje?

Há quanto tempo atua nessa área?

3) Você identifica em suas ações elementos que contribuem para o desenvolvimento da Imagem Corporal de seus alunos ?

Sim ( )
Não ( )

Quais ?
.....
.....
.....

4) Pensando especificamente em desenvolver a Imagem Corporal de seu aluno, que tipo de ações resultam mais relevantes para você ?

5) Que tipo de alterações que seu aluno pode apresentar que você identificaria como sendo um Distúrbio de Imagem Corporal ?

6) Para você, o que é Imagem Corporal ?

7) Você já leu algum autor específico sobre imagem corporal?